



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

## Escola Francesa nas Relações Internacionais: a ascensão dos Annales e a nova Ordem Mundial

*French School in the International Relations: The Rise of the Annales and the New World Order*

**Vitor Colombo Trapp<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2755-2820](https://orcid.org/0000-0002-2755-2820)  
[v.colombo@edu.pucrs.br](mailto:v.colombo@edu.pucrs.br)

**Recebido em:** 31/01/2023**Aprovado em:** 12/07/2023**Publicado em:** 26/09/2023

**Resumo:** Este artigo analisa o progresso epistemológico, metodológico e ontológico da escola dos Annales, abordando, principalmente, os conceitos de Pierre Renouvin para o desenvolvimento dessa corrente de pensamento. Outrossim, intenta-se contribuir para a maturação do debate acerca da relevância da Escola Francesa das Relações Internacionais e suas contribuições para compreender as relações entre os atores mundiais, por meio das contribuições de Bertrand Badie e sua revolução, em face da hegemonia de pensamento neo-neo (neorealismo, neoliberalismo).

**Palavras-chave:** Escola Francesa. Escola dos Annales. Forças Profundas. Reversão do mundo. Nova Ordem Mundial.

**Abstract:** This article analyzes the epistemological, methodological, and ontological progress of the Annales School, mainly focusing on Pierre Renouvin's concepts for the development of this line of thought. Moreover, it aims to contribute to the maturation of the debate on the relevance of the French School of International Relations and its contributions to understanding the relations among global actors through the insights of Bertrand Badie and his revolution in the face of the neo-neo hegemony of thought (Neorealism, Neoliberalism).

**Key words:** French School. Annales School. Deep Forces. World reversal. New mundial order.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

É conhecida a relevância das contribuições acadêmicas francesas no campo das Relações Internacionais no cenário brasileiro. Sociólogos como Jean-Baptiste Duroselle, Pierre Renouvin, Raymond Aron e Marcel Merle sempre dispuseram de certo carisma por parte de intelectuais brasileiros das Relações Internacionais (Milani 2010). Coerentemente, esse afluente da escola dos Annales demonstra-se como a base do arcabouço da Escola Francesa e suas contribuições, tais como sua relevância para o campo acadêmico que abarca as relações internacionais.

A modernidade do pensamento francês avança com "a renovação do campo das Relações Internacionais no Brasil" (Milani 2010, 9), de modo a propor uma condução de estudos de natureza teórica, histórica, geográfica e sociológica, a respeito da necessidade de analisar o mundo sob uma nova perspectiva, voltada para a relevância das relações transnacionais. Dessa forma, é notável a contribuição de Bertrand Badie acerca da dinâmica internacional contemporânea, a qual chamou de "Nova Ordem Mundial".

Portanto, a exposição dos estudos de Badie propicia uma busca por uma corrente de pensamento e, ao mesmo tempo, eleva o questionamento sobre a solidão de perspectivas análogas no campo acadêmico. Assim, a criação da escola dos Annales e a sucessão de seus afluentes, bem como a sua marca metodológica, epistemológica e ontológica, apresentam-se na contemporaneidade e concedem a formulação de uma identidade convergente de uma Escola Francesa das Relações Internacionais.

Para contribuir com esse debate, o presente artigo objetiva compreender as contribuições da chamada escola francesa a partir da análise crítica da bibliografia especializada. O artigo está dividido em quatro partes: na primeira, discute-se a ascensão dos Annales como o princípio da crítica de pensamento da escola francesa, para, assim, explorar, na segunda e na terceira partes, respectivamente, as contribuições de Fernand Braudel e Pierre Renouvin, com a finalidade de entender as principais fundamentações desse

escopo teórico. Finalmente, busca-se analisar os estudos e desenvolvimentos de Bertrand Badie em sua análise das Relações Internacionais e como esse processo demonstra a convergência de documentos elaborados durante o desenvolvimento da escola francesa.

## A destituição dos documentos e a ascensão dos Annales

O desenvolvimento da História como um campo de pesquisa e de estudo acompanhou a consolidação do campo das Relações Internacionais. Em decorrência dessa interação, propôs pesquisas e metodologias – principalmente no que concerne à história política. Não obstante, a sistemática de autores, temas, referências a métodos e formas de abordagem complexos não deve ser desprezada pelos atores desse campo. Isso, porque a adoção desses mecanismos torna-se um anteparo para que estudiosos não sejam, de certa forma, induzidos pela história de uma política efêmera e episódica, reduzindo as investigações do campo em conclusões sequenciais e consecutivas (Franceschini 2020).

O aspecto metodológico em relação às escolhas dos materiais de pesquisa entrou no foco de debate pela inconformidade da utilização – desde os primeiros estudos acerca dos escritos de Tucídides, até os pesquisadores da hodiernidade – dos documentos organizados em arquivos pelos Estados como a principal fonte para a fundamentação de pesquisas e, posteriormente, de hipóteses no que diz respeito às conjunturas do caráter e dos processos históricos. Essa demanda forma-se da urgência da ciência histórica em desenvolver uma metodologia a qual possa ser categorizada e incorporada como uma verdadeira metodologia científica (Burke 1992). No entanto, tal marginalização das metodologias de estudo sucedeu à exaltação da narrativa dos Estados em conferência com as demais narrativas. Dessa forma, persuadiu gerações de historiadores a adotarem o documento como objeto de estudo central, e conseqüentemente inundou a produção de revistas europeias com o tema do Estado durante o final do século XIX.

A disseminação desse critério de seleção do documento na representação estatal e a ascensão de um método qualificado para a adoção dessa técnica passaram a ser imprescindíveis. Na França, os historiadores Charles Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942) produziram a obra *Introduction aux études historiques*, um manual responsável por transformar a história em "instrução cívica" nas escolas francesas, tornando-se um "texto-manifesto da escola metódica" (Dosse 2003 apud Franceschini 2020, 4). Além disso, um sentimento nacionalista, vanglorioso e patriótico formou-se entre esses ideais cívicos e integrou-se ao processo educacional francês. O pensamento de François Lavissee (1912 apud Dosse 1994, 38) exemplifica claramente as consequências desse fenômeno:

Se o aluno não carregar consigo a lembrança viva de nossas glórias nacionais, se não souber que seus ancestrais combateram em mil campos de batalhas por causas nobres; se não aprender que custou sangue e esforços fazer a unidade de nossa pátria e em seguida resgatar do caos nossas instituições envelhecidas, as leis que nos fizeram livres; se ele não se tornar o cidadão compenetrado de seus deveres e o soldado que ama seu fuzil, o professor primário terá perdido seu tempo.

Certamente, a ascensão da história política, carregada pelo sentimento nacionalista e manchada pelo sangue patriótico, não raro deve ser interpretada como um combustível para o conflito, e assim também recebe a sua parcela de culpabilização pela devastação da Primeira Guerra Mundial. Como indicado pelo historiador François Dosse (1994, 37, tradução nossa): "Sob a grande quantidade de arquivos do historiador, a bandeira tricolor. A história do fim do século XIX e do início do século XX serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra". A partir disso, infere-se que o desenvolvimento da "ciência histórica", nacionalista, documental e cronológica ocupou dimensão importante na causação de inúmeros conflitos.

Portanto, surgindo como uma renúncia às metodologias revanchistas, historiadores renitentes com as condições proporcionadas pela guerra buscaram sobrepular a metodologia em vigor. François Simiand (1873-1935), em seu livro

publicado em 1903, *Méthode historique et science sociale: étude critique d'après les ouvrages récents de M. Lacombe et M. Seignobos*, proporcionou uma condenação relevante e precisa para a exaltação do foco histórico político, individual e cronológico, vigorado pelos patrióticos. A ênfase é dada à guerra e às necessidades e ambições individuais, que acalentam tais processos e ignoram a proeminência das instituições e dos fenômenos coletivos, e, por fim, à credulidade – inocente e imprecisa – acerca da ordenação e da regulamentação do sequencial histórico (Simiand 2003 apud Franceschini 2020).

Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), atrelados a essas críticas, revolucionaram as pesquisas historiográficas, suprimindo o foco político, factual e cronológico e concentrando seus estudos nos fenômenos coletivos, sociais e econômicos. Dessa forma, derivando da perspectiva de que os reinos e os governos são atores transitórios, autores destacaram a importância das ideologias permanentes – ou resistentes à mudança – presentes nas mentalidades do indivíduo e nas identidades sociais. A partir dessas concepções, desenvolveram suas percepções sobre a longa duração no que concerne às delimitações da cronologia de fatores históricos.

A revista *Annales d'histoire économique et sociale* surgiu em 1929, naquele contexto de debates metodológicos, epistemológicos e ontológicos, impulsionado pela revolução historiográfica. Ela foi a impulsora responsável pela materialização da corrente de pensamentos dos intelectuais que apresentavam um plano cronológico singular e perene, desenvolvendo a história através das estruturas sociais e coletivas. E foi a sua incorporação como a escola dos Annales que oportunizou um novo espaço para que os autores pudessem destituir o foco histórico e político dos fatores do Estado.

### **A consolidação da corrente e a marginalização de Fernand Braudel**

Fernand Braudel (1902-1985), herdeiro do legado metodológico, consolidou a hegemonia dos Annales, usufruindo de correntes marginalizadas

para a contribuição do debate historiográfico. *A priori*, Braudel destituiu a individualização da história, pois, como defendia, o indivíduo torna-se insignificante, uma vez que se considera substancial compreender as ações coletivas como a consciência da pluralidade. "Quer se trate do passado, quer da atualidade, uma consciência nítida desta pluralidade do tempo social é indispensável a uma metodologia comum das ciências do homem" (Braudel 1965, 263).

Seu pensamento se atenta para a análise de temporalidades factuais, cíclicas e de longa duração, exprimindo de forma desacelerada e profunda os factuais políticos. Essa compreensão deriva da confiabilidade na despolitização da história no longo prazo, consequência da teorização de que as deliberações dos atores seriam breves e decíduas, e por essa razão se dissipariam no decorrer do tempo. Ademais, o tempo breve, para ele, que trata do cotidiano, é o tempo das ilusões, "do jornalista" e das "rápidas tomadas de consciência" (Braudel 1965 apud Franceschini 2020, 9).

Após a Segunda Guerra Mundial, concomitantemente à revolução institucional das academias francesas, a escola dos Annales ganhou espaço entre os designados campos científicos, expandindo sua influência em universidades, em escolas superiores e em diversos programas de pesquisa (Dosse 1994). Diante dessa expansão, partes do caráter crítico dos Annales foi se perdendo. A interdisciplinaridade, de início proposta com base no arcabouço epistemológico teórico, foi perdendo o seu espaço e, como consequência, não houve brechas para a genialidade de valorosos autores.

Nesse contexto, é prudente salientar o nome de Raymond Aron (1905-1983) e suas reflexões filosóficas críticas no que diz respeito aos conhecimentos históricos, que foram severamente desclassificadas por parte dos autores dos Annales (Baverez 2006 apud Franceschini 2020). Ademais, inclusive houve, por parte de Braudel, certa desestima da perspectiva historiográfica de Pierre Renouvin (1893-1974), que viria a ser reconhecidamente o fundador da História das Relações Internacionais (Frank 2003 apud Franceschini 2020).

## Pierre Renouvin, a notoriedade das Forças Profundas

Pierre Renouvin foi um miserável das desgraças da Primeira Grande Guerra, e talvez por isso tenha se tornado um dos maiores críticos da teoria da ciência da Europa diante das demandas mundiais. Manchado pela falta de empatia dos indivíduos e, por assim dizer, dos Estados, Renouvin era um verdadeiro defensor do papel das mentalidades e dos sentimentos de diferenciação em relação ao outro (Franceschini 2020). Pela convicção de que essa seria a normativa presente nas políticas externas, fundou a História das Relações Internacionais.

Percorrendo esse percurso, o autor disserta que, "para compreender a ação diplomática, é preciso procurar penetrar as influências que lhe orientam o curso" (Renouvin e Duroselle 1967, 6). Ao afirmar isso, ele ainda complementa que "as relações entre os governos cessam de ser o centro de interesse; aquilo que importa é a história das relações entre os povos" (Renouvin apud Frank 2003, 42-43), reiterando a relevância do estudo e da análise do indivíduo para as Relações Internacionais.

Contrastando as críticas, Renouvin não negava as atribuições do Estado, mas considerava que, por prepor seus aspectos em uma análise, ignorando as questões individuais, o pesquisador não alcançaria o desenvolvimento acerca das noções das "relações estabelecidas entre os povos e entre os indivíduos", e assim suas "manifestações de simpatias ou de antipatias" (Renouvin e Duroselle 1967, 8). Incontestavelmente, a contribuição desse autor inspira as práticas dos Annales, entretanto; a ordem econômica e social perdia a relevância primordial para Renouvin, à medida que percebia a maior importância das influências das mentalidades para o detalhamento das Relações Internacionais.

Entre outras contribuições, pode-se declarar que a de maior relevância para o campo das Relações Internacionais refere-se ao conceito de "Forças Profundas", contemplado em sua obra de 1934: *La crise européenne et la Première Guerre mondiale*. Tal expressão é utilizada para

expressar a realidade resultante da Primeira Guerra Mundial, a partir da mentalidade implementada na Europa – e principalmente na França nos anos prévios. Assim, ele critica as “formas do sentimento nacional ou as relações entre o nacionalismo e o sentimento religioso” (Renouvin e Duroselle 1967, 8).

Em sua compreensão, as “Forças Profundas” são influências capazes de induzir o fluxo das relações internacionais. Por meio desse “jogo das forças” (Duroselle 2000), os atores de Estado tornam-se passivos dessas interferências, mas também acabam por exercer influência sobre essas mesmas “Forças”, dessa forma esculpindo as relações entre os grupos sociais. Além disso, é indispensável compreender os tipos de forças: as forças materiais, como os fatores demográficos e econômicos, e as forças imateriais, como os fatores migratórios, os sentimentos cívicos-nacionais e o próprio nacionalismo.

Essa segunda classificação é a chave para a compreensão do pensamento de Renouvin, pois para ele não é possível examinar as forças demográficas e econômicas dissociadas de seu contexto político e psicológico (Renouvin e Duroselle 1967), visto que é através da perspectiva de que as explicações acerca do caráter das Relações Internacionais moram na avaliação das forças imateriais – a partir de sentimentos, mentalidades e fatores psicológicos. Em suma, para a busca pelo entendimento das Relações Internacionais, necessita-se não somente considerar as condições materiais mas também perceber as forças e os fatores imateriais, conduzindo os níveis de pesquisa e análise para o cerne do problema: as “Forças Profundas” (Montebugnoli 2015).

### **A perspectiva badiana e sua proeminência para as Relações Internacionais**

Entre os desenvolvimentos da escola francesa e sua relevante porcentagem de autores marginalizados em suas origens, observa-se outra exceção que deve ser mencionada. A partir de 1990, uma nova perspectiva das Relações Internacionais ascendia nos campos de estudo, em ruptura

com as abordagens dominantes neorrealistas e neoliberalistas. Bertrand Badie (1997) apresentou uma nova perspectiva multidisciplinar e hiperpluralista, multiplicando os níveis de análise e sendo favorável a uma sociologia imperativa histórica de longo prazo, além de ser concomitantemente empírica e centrada na cultura e nos sistemas de significado (Paquin e Hatto 2018).

Essa abordagem de caráter sociológico nasce por consequência da complexificação das culturas, da globalização e do progresso das relações transnacionais. Tal contexto conduziu Badie a contestar os conceitos de soberania, poder, território, violência, dilema de segurança e inclusive a própria ordem internacional. Isso o levou a exonerar como o cerne das Relações Internacionais o Estado e os estudos redundantes e desordenados acerca das suas influências, permitindo assim estabelecer investigações sobre os atores transnacionais – pouco importantes para especialistas das teorias neo-neo, mas que têm considerável capacidade de alterar as questões internacionais.

No que contempla o debate da presença e da relevância de uma Escola Francesa das Relações Internacionais, entre as contribuições francesas, o desenvolvimento ontológico, epistemológico e metodológico de Bertrand Badie é tão notável quanto as concepções dos Annales e as contribuições de Renouvin. Estas, inquestionavelmente, revolucionaram os métodos e princípios de estudos, enquanto, simultaneamente, exprimiram uma abstração relevante ao extremo para a compreensão das relações internacionais. Ainda que, em meio a um processo de difusão de pensamento, a corrente dos Annales tenha se subdividido em núcleos divergentes e por esse lapso tenha rechaçado autores contempláveis – como o anteriormente citado Raymond Aron –, ainda está presente em inúmeros autores o fio condutor que transmite os genes singulares de um legado epistemológico, metodológico e ontológico, de uma natureza histórica, sociológica e, por assim dizer – mesmo que de maneira arriscada e incerta –, multidisciplinar.

Atentando para as contribuições badianas, a sua crítica às relações internacionais, contem-

plada em sua obra com Marie-Claude Smouts, *Le retournement du monde: Sociologie de la scène Internationale*, revoga as principais sistemáticas das teorias hegemônicas. A síntese neo-neo considera as Relações Internacionais pertencentes à ciência política, abandonando a interdisciplinaridade, resgatada por Badie, e como consequência conduzem o foco de análise ao Estado como ator fundamental, compenetrando-o em um cenário cooperacional e anárquico.

Robert Keohane e Lisa Martins apresentaram questões síncronas entre o neorealismo e o neoinstitucionalismo, particularmente no que diz respeito ao Estado. Eles concordam que, em primeiro lugar, são atores fundamentais da política mundial – a qual possui um contexto anárquico, e, ainda, que se comportam a partir de seus interesses e de forma racional para maximizar seus ganhos (Keohane e Martin 1995 apud Paquin e Hatto 2018). O ponto de divergência entre os dois refere-se às funções da informação e das organizações internacionais – enquanto a epistemologia de Badie desacorda da maioria.

A abordagem badiana pode ser considerada vanguardista, uma vez que tem um caráter convergente com questões construtivistas surgidas em meados de 1990. Hans Morgenthau afirmou que o caráter de uma teoria intenta "apreender o significado dos eventos em curso" (função descritiva) e "entendê-los" (função explicativa), mas também procura "prever e influenciar o futuro" (função preditiva e prescritiva) (Battistrella 2012 apud Paquin e Hatto 2018). No entanto, a teorização de Badie não busca assumir essa caracterização, mas sim incorporar "um dispositivo de simplificação que permite determinar quais fatos importam e quais não" (Baylis, Smith e Owens 2014 apud Paquin e Hatto 2018, 23, tradução nossa), a fim de se ser capaz de priorizá-los para análise e compreensão.

No que diz respeito às abordagens metodológicas, Badie prefere uma sociologia histórica interpretativa, importando para as Relações Internacionais debates e reflexões da sociologia histórica comparada, uma metodologia contrária à abordagem hipotético-dedutiva comumente adotada pela hegemonia neo-neo.

Portanto, é crucial a interpretação e a contextualização para uma compreensão completa, pois "[a] explicação política não pode mais postular, de fato, a existência de um fator universalmente determinante que transcenderia assim as culturas e a história" (Badie e Hermet 1990, 28). Como alertam Badie e Smouts (1999, 11): "[...] a menos que renunciemos a toda inteligibilidade, a identificação das principais tendências no trabalho e o material com que eles se relacionam não podem ser evitados".

### **A reversão do mundo e o retorno das culturas: a nova ordem mundial**

A ascensão do poder dos atores transnacionais surge da "reversão do mundo", uma expressão que Bertrand Badie, juntamente com Marie-Claude Smouts, adotou para explicar os fenômenos resultantes dessa ascensão. Agora, o Estado-nação – conceituado pelos fatores de soberania, território e segurança – não é mais um ator fundamental das Relações Internacionais, pois perdeu seu espaço para os atores transnacionais.

Essa teorização fortalece-se por meio da própria definição de Estado-nação – que, definida pelos conceitos citados, não mantém a ordenação e a relevância que previamente tinha. Por consequência da globalização, corporações multinacionais, como igrejas, grupos de pressão transnacionais, satélites de comunicação, movimentos identitários ou os próprios indivíduos ganharam importância no cenário internacional, e exatamente por esses motivos a sociologia badiana busca o hiperpluralismo para compreender esses fenômenos – ao contrário das análises sistêmicas hegemônicas.

Dessa forma, a explicação dos autores leva à destituição da fundamentalidade do Estado-nação, pois a correlação que formava, *a priori*, o conceito de soberania, como a condensação do poder dentro de um território – sendo um território uma área geográfica contida dentro de fronteiras nacionais, que se tornou institucionalizado, a fim de se dar segurança aos cidadãos –, não servia mais como classificação para a criação de uma ordem de relevância. Para explicar esse fenôme-

no, os autores, primeiramente, demonstram que a competição entre transnacionais e os próprios Estados retira-os como protagonistas do cenário internacional. Segundamente, demonstram que as fronteiras internacionais estão cada vez mais translúcidas e permeáveis, pois não há diferenças na competição entre o interno e o externo, visto que os canais de comunicação globalizados permitem que atores internacionais usufruam de mais liberdade que os nacionais. Finalmente, salientam que, da mesma forma, a capacidade dos Estados de provirem segurança fracassou à medida que a violência passou a ser tão ramificada, a ponto de ser impossível para eles abrangerem todo esse escopo diversificado e complexo.

Além disso, as relações transnacionais, segundo os autores, podem ser classificadas como "qualquer relação que, por vontade deliberada ou por destino, se constrói no espaço mundial para além do quadro do Estado nacional e que ocorre escapando, pelo menos parcialmente, do controle ou da ação mediadora dos Estados" (Badie e Smouts 1999, 66, tradução nossa). Deve-se observar também os seus resultados. A sua intensificação sobrepunhou as capacidades mandatórias e indutoras do Estado, que não podia mais controlar nem a entrada nem a saída de pessoas, mercadorias ou capital por suas fronteiras, sendo outro exemplo de que as fronteiras do Estado são facilmente contornáveis, e a sua soberania, desprezável.

Por consequência desse fenômeno, nasce um mundo "multicêntrico", composto de atores transnacionais, não mais sob alguma soberania, mas sim ao contrário disso – livres do controle de qualquer Estado. Essa revolução faz com que os governos sejam forçados a pensar em questões econômicas, sociais ou ecológicas, em vez de apenas questões militares e geopolíticas, alertando para uma mudança nas agendas internacionais e no modo como os Estados se comunicam. Dessa maneira, as discussões ramificam-se e complexificam-se, tornando mais divergente o cenário internacional.

Em suma, a sociologia proposta aqui é pessimista no que concerne às normativas internacionais. Não é possível criar uma ordem pacífica

do sistema internacional, pois, de acordo com Badie e Smouts (1992 apud Thérien 1994, 11-12): "[o] sistema internacional tornou-se o mais instável de todos os sistemas políticos". E como agravante dessa situação, os autores partem de uma questão cultural – o que chamam de "retorno das culturas" – para exprimir o que autores da escola francesa conceituaram como "novas relações internacionais" (Paquin e Hatto 2018, 26). Assim, a respeito do retorno das culturas e uma nova ordem mundial, Badie e Smouts (1999, 65, tradução nossa) dissertam:

Onde a hipótese de uma ordem racional jurídica universal confrontava a ideia de uma comunidade composta de Estados capazes de se compreenderem, de obedecerem às mesmas normas, de promoverem as mesmas regras, a cultura introduz o particularismo e o relativismo. Ao projetar no cenário internacional a diversidade de significados, oriundos de histórias sociais diferentes e mutuamente irreduzíveis, o fator cultural já consagrou a vingança das sociedades reais e concretizou sobre uma ordem estatal que permanece totalmente abstrata.

Mediante a globalização e a intensificação das relações transnacionais, os fatores culturais e identitários estão se tornando cada vez mais relevantes para a compreensão do jogo internacional, visto que a nova ordem internacional tende a fomentar e complexificar os particularismos. Portanto, Bertrand Badie (1997), que apresenta a cultura como um conjunto de códigos que os Estados utilizam para comunicação, declara que ela é o meio para apreender o jogo internacional. Concomitantemente alerta que, como a diversidade cultural é muito complexa mundialmente, é utópico imaginar – como os autores da hegemonia moderna – que os atores internacionais são "racional" e que a teoria dos jogos<sup>2</sup> possibilita exprimir o entendimento correto das relações internacionais. Coerentemente, Badie e Smouts (1999, 27, tradução nossa) criticam:

<sup>2</sup> A teoria dos jogos, aplicada às Relações Internacionais, é *a priori* relacionada ao campo de estudo do realismo e seu foco epistemológico e metodológico no Estado. A teoria é fundamentada nas premissas da centralização das relações internacionais no Estado, como ator principal do sistema internacional e como agente unitário e racional, instigado pelas questões de poder e segurança; assim, inclinados ao conflito e à competição. (Mello 1997, 105).

A teoria clássica das relações internacionais havia ocultado amplamente esse problema, partindo do postulado de que todos os atores compartilhavam a mesma racionalidade que autorizava o uso extensivo da teoria dos jogos para interpretar e explicar os principais confrontos internacionais. Nessa visão, apenas a incerteza e, portanto, a falta de informação dos atores poderiam explicar os erros de cálculo cometidos por ambos os lados: o erro foi, no entanto, postular a existência de um sistema de significados compartilhado por todos os governantes do planeta e, assim, negligenciar e até ignorar as diferenças de representação que os separam, a parcela de surpresa e risco adicional que daí pode advir e, finalmente, as dificuldades que podem, por consequência, afetar o funcionamento das instituições internacionais.

Em contrapartida, Badie não nega a existência da soberania ou da territorialidade, mas afirma que elas devem se adequar ao mundo multicêntrico, visto que estão cada vez mais ultrapassadas por questões ascendentes como a globalização e o "retorno das culturas". Ainda que o Estado exerça certa influência sobre os atores transnacionais e mantenha o controle de suas fronteiras, é inquestionável o enfraquecimento desses privilégios. Abre-se, assim, o espaço para a cooperação transnacional para a redução dessas fronteiras e influências.

Desse modo, essa expansão coloca em questão a ordem internacional, a ordem dos Estados-nação, que agora não são capazes de administrar as relações internacionais através de uma normativa. Essa estruturação vestefaliana, nascida em 1648, segundo a qual "só é viável uma justaposição de comunidades políticas soberanas, que só isso traz ordem e segurança" (Badie 1997, 447), perde sua proeminência em sucessão dessa nova estrutura, na qual, segundo Badie e Smouts (1992 apud Thérien 1994, 110), "a regra emana de uma consciência coletiva, é baseada em generalidade compartilhada pela comunidade mundial".

Derivante dessa nova ordem, nasce um Estado, devidamente mais preparado para as necessidades de uma sociedade hiperpluralista, diversificada e com um desenvolvimento cultural extenso e complexo. Portanto, não é facilmente compreendida por teorias sistemáticas ou que carreguem em seu cerne preocupações de caráter fundamental para os Estados, e sim o oposto: precisa ser uma abordagem multidis-

ciplinar e hiperpluralista, multiplicando os níveis de análise e sendo favorável a uma sociologia imperativa histórica.

### Considerações finais

Concorda-se com a relevância das perspectivas francesas para o desenvolvimento não somente do campo de história mas também de toda a área epistemológica, metodológica e ontológica das Relações Internacionais. As contribuições críticas à metodologia histórica dos séculos XIX e XX, que sucederam à criação da escola dos Annales, criaram um ambiente propício para a propagação de questões extremamente relevantes para o amadurecimento da área de estudo das Relações Internacionais.

Ainda que muitas oportunidades tenham se perdido para uma concretização menos desvirtuosa da Escola Francesa das Relações Internacionais – como a desventura de Raymond Aron – muito pode se inferir sobre as contribuições dessa escola de pensamento. A linha – mesmo que desorientada – merece a classificação de pluralista para conceituar o seu caráter indireto e anfigúrico, visto que os autores constituintes dessa corrente adotaram, satisfatoriamente, conceituações de diversas áreas, para enfim construir uma teoria digna das Relações Internacionais.

É imprescindível salientar a contribuição de Bertrand Badie, que junto com outros autores, como Marie-Claude Smouts, desenvolveu uma teoria fundamentada em uma sociologia imperativa histórica, que contempla de forma magnífica não apenas as Relações Internacionais mas também todo o escopo que rege os fatores fundamentais da ordem mundial. Essa revolução epistemológica, metodológica e ontológica badiana, que multiplica os níveis de análise e transforma a maneira de compreensão internacional, herda conceitos postulados desde Pierre Renouvin e a consolidação dos Annales por Duroselle, pois indubitavelmente evoca conceituações acerca do caráter crítico e histórico, colocando em questão os debates mediante as metodologias vigentes e a verdadeira máxima da teoria.

Em suma, demonstrou-se, por meio da aná-

lise de documentos de desde a construção dos Annales até as contribuições badianas, uma convergência na hiperpluralidade e na multidisciplinaridade do pensamento francês. Esse comportamento que põe em voga a reconfiguração da ordem soberana dos Estados e a ascendente relevância dos atores transnacionais apresenta-se, sem dúvidas, como um afluente que identifica e conecta as novas perspectivas francesas.

## Referências

Badie, Bertrand. 1997. "Le jeu triangulaire". In *Sociologie des Nationalismes*, edited by Pierre Birnbaum, 447–462. Paris: Presses Universitaires de France.

Badie, Bertrand, Guy Hermet. 1990. *Politique comparée*. Paris: Presses Universitaires de France, The mis Political Science.

Badie, Bertrand, Marie-Claude Smouts. 1999. *Le retournement du monde: Sociologie de la scene*. 3. ed. Paris: Presses de Sciences Po et Dalloz.

Braudel, Fernand. 1965. "História e Ciências Sociais: A Longa Duração". *Revista de História* 30 (62): 261–294. <https://doi.org/10.11606/issn.2316.9141.rh.1965.123422>.

Burke, Peter. 1992. *A Escola Dos Annales (1929–1989): A Revolução Francesa Da Historiografia*. 2. ed. São Paulo: UNESP.

Dosse, François. 1994. *A História Em Migalhas: Dos Annales à Nova História*. Campinas: Ensaio. v. 2.

Duroselle, Jean Baptiste. 2000. *Todo Império Perecerá: Teoria Das Relações Internacionais*. Brasília: Ed. UnB.

Franceschini, Adilson. 2020. "História Das Relações Internacionais Do Brasil: Uma Aventura Metodológica". *Intelligere* 10 (dezembro): 111–26. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2020.177178>.

Frank, Robert. 2003. "Penser Historiquement Les Relations Internationales". *Annuaire Français de Relations Internationales* 4: 42–65. <http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/FD001267.pdf>.

Mello, Flavia de Campos. 1997. "Teoria Dos Jogos E relações Internacionais: Um balanço Dos Debates". *BIB – Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais* 44 (julho):105–19. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/196>.

Milani, Carlos R. S. 2010. *Relações Internacionais: perspectivas francesas*. Salvador: EDUFBA.

Montebugnoli, Mariana de Freitas. 2015. "A Interface Entre as Historiografias Francesa e Inglesa Das Relações Internacionais e a Teoria Construtivista". *Anais - International Relations Week* 1: 8–21. <https://unisagrado.edu.br/anaisirw-n1>.

Paquin, Stéphane, Ronald Hatto. 2018. "Une École Française Des Relations Internationales? La Perspective Badienne En RI". In *Un Monde Fragmenté. Autour De La Sociologie Des Relations Internationales de Bertrand Badie*, organized by Delphine Allès, Romain Malejacq, and Stéphane Paquin, 19–40. Paris: CNRS. [https://www.stephanepaquin.com/wp-content/uploads/2019/04/Paquin\\_Sociologie-des-relations-internationales-Badie.pdf](https://www.stephanepaquin.com/wp-content/uploads/2019/04/Paquin_Sociologie-des-relations-internationales-Badie.pdf).

Renouvin, Pierre, Jean-Baptiste Duroselle. 1967. *Introdução à História Das Relações Internacionais*. São Paulo: Praeger.

Thérien, Jean-Philippe. 1993. The Contribution of the Literature Published in French to the Study of International Organizations. *International Social Science Journal* 45(138): 499–515.

---

## Vitor Colombo Trapp

Graduando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

---

## Endereço para correspondência

Vitor Colombo Trapp

Rua. Marechal Mesquita, 581, apto 1136, bloco 6

Teresópolis, 91720160

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela  
Texto Certo Assessoria Linguística  
e submetidos para validação dos autores  
antes da publicação.*